

## CANDIDATAS À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA: A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA MULHER EM JORNAIS E REVISTAS COMO “SUBMISSA” E “DEPENDENTE”

Janete Monteiro Garcia<sup>1</sup>

### Resumo

O artigo analisa, sob o prisma da semiótica discursiva de Greimas, notícias publicadas em jornais e revistas impressas acerca das candidatas a presidente do Brasil, entre os anos de 1989 a 2018. O estudo contempla as interações sincréticas entre a linguagem verbal e visual, com foco em publicações de O Estado de S.Paulo, Folha de S.Paulo, O Globo, da Veja, Isto É, Exame e Época. Identificam-se isotopias temáticas e figurativas que reconstróem estereótipos de gênero colocando a mulher em uma posição de “submissa” e “dependente” do masculino, isto é, como actante que não consegue se firmar como sujeito, permanecendo no papel de “ajudante”, que é incapaz de exercer tarefas requeridas pelo cargo político ocupado e/ou almejado.

### Palavras-chave

Mulheres, Semiótica, Política, Jornais, Revistas.

### Abstract

The article, under the prism of the semiotics discursurs of Greimas, news published in newspapers and magazines of the magazines of publishers in Brazil, printed between 1989 to 18. focus on publications of O Estado de S.Paulo, Folha de S.Paulo, O Globo, by Veja, Isto É, Exame and Época. They identify thematically and figurative isotopies that reconstruct the role of this woman in a position of “dependent” on the masculine, as the act cannot establish itself, as a subject, remaining in the assistant, who is unable to perform tasks required by the load. busy and/or desired.

### Keywords

Women, Semiotics, Politics, Newspapers, Magazines.

---

<sup>1</sup> Jornalista, Mestre e Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista (Unip). Bolsista Capes. E-mail: jane\_s\_monteiro@yahoo.com.br

## Introdução

Entre os anos de 1989 a 2018, nove mulheres participaram das eleições para presidente da República. A primeira foi Livia Maria Ledo Pio de Abreu, em 1989. Quase dez anos mais tarde, em 1998, Thereza Ruiz disputou o cargo. Em 2006 as candidatas foram Heloísa Helena e Ana Maria Rangel e em 2010, Dilma Rousseff e Marina Silva. Naquele ano foi eleita a primeira mulher presidente: Dilma Rousseff. Em 2014, Dilma disputou a eleição com as concorrentes Marina Silva, Luciana Genro, além de outros candidatos e foi reeleita. Marina marcou presença em 2010, 2014 e 2018, quando também se candidataram outras duas mulheres: Manuela D'Ávila e Vera Lúcia Salgado. Neste artigo, pelas observações feitas durante a pesquisa, que serão mais bem detalhadas no decorrer da análise, trabalharemos com caracterizações correspondentes às seguintes candidatas: Dilma Rousseff, Livia Maria, Marina Silva, Manuela D'Ávila<sup>2</sup> e Thereza Ruiz. Heloísa Helena, Ana Maria Rangel, Luciana Genro e Vera Lúcia, por sua vez, não se encaixam nos mesmos papéis temáticos das primeiras, os quais, conforme sugere o título deste trabalho, aborda as estratégias discursivas que dão conta de uma mulher retratada politicamente como um sujeito “submisso” e “dependente” de figuras masculinas.

Um dado importante no contexto da participação da mulher na vida política, é que o Brasil teve até agora 38 presidentes e somente uma mulher. Se consideramos um levantamento feito e publicado pela Revista Carta Capital com o título “No Brasil, o machismo é um preconceito mais praticados” (CARTA CAPITAL, 2017), este vem acompanhado de situações que demarcam forte componente misógino com relação às mulheres. Em buscas no Catálogo de Dissertações e Teses da Capes, encontramos o trabalho de Lima (2017) a respeito das candidatas à presidência no período entre 1989 e 2016, tendo como corpus o Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE) construído a partir da metodologia de análise de conteúdo. Como existem poucas publicações científicas na área da semiótica voltados a essa temática, a intenção do presente artigo é contribuir na discussão deste relevante tema pelo viés semiótico-discursivo mostrando como tais disparidades existentes no âmbito sócio-cultural, estendem-se à esfera política.

O objetivo deste estudo é analisar a construção da imagem das candidatas à presidência da República em jornais e revistas brasileiras entre os anos 1989 a 2018, por com-

---

<sup>2</sup> Manuela D'Ávila registrou candidatura à presidência, mas desistiu em seguida, terminando a eleição de 2018, como vice-presidente na chapa de Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores (O Globo, 2018).

preender períodos com a participação de mulheres nas eleições presidenciais. Identificar por meio de quais isotopias, isto é, as “recorrências de um dado traço semântico ao longo de um texto” (FIORIN, 2016, p. 112), e papéis temáticos elas são representadas em tais discursos (GREIMAS E COURTÉS, 2008).

A pergunta que o trabalho propõe é: como os jornais e revistas atuaram na construção da imagem das candidatas à presidência? Nossa hipótese é que os meios impressos construíram discursivamente, ao longo destes anos, papéis temáticos, tanto no nível narrativo quanto no nível plástico-figurativo, corroborando os semantismos da “submissão” e da “dependência” da mulher em relação ao homem.

O corpus é composto por publicações dos Jornais O Estado de S.Paulo, O Globo e Folha de S. Paulo, Revistas Veja, Isto É, Exame e Época coletadas do período da oficialização da candidatura até o fim da participação das candidatas nas eleições. O material compreende 14 textos escritos e nove imagens publicadas nos jornais e revistas que serão estudados por meio da análise das linguagens verbal e imagética retiradas de uma classe semântica definida como “submissão e dependência”, a partir das recorrências encontradas no decorrer da pesquisa (GREIMAS E COURTÉS, 2008; GREIMAS, 1984). A seleção das imagens se deu a partir das repetições e dos valores semânticos identificados em acordo com a linguagem textual e essa análise sincrética possibilita a descrição do sentido apreendido. Este recorte faz parte de um conjunto maior de dados coletados no período de 1989-2018, para o desenvolvimento da dissertação de mestrado.

## Abordagem teórico-metodológica

### A Semiótica Discursiva

As análises em questão têm base na semiótica discursiva de Algirdas J. Greimas e nos conceitos do Percurso Gerativo do Sentido, cujo processo torna possível mostrar como o sentido é produzido nos níveis fundamental, narrativo e discursivo (FIORIN, 2016, p. 20). Um dos conceitos-chave trabalhados neste artigo são as isotopias, que dizem respeito às reiterações de um dado ao longo de uma determinada narrativa, com base em valores semânticos, alicerçados nas figuras e/ou formantes plásticos do plano da expressão (GREIMAS E COURTÉS, 2008; GREIMAS, 1984; DEMURU, 2020, p. 211). Já os papéis temáticos tratam-se de uma “representação, sob forma actancial, de um tema ou de um percurso temático” (GREIMAS E COURTÉS, 2008, p. 495-496). A título de compreensão, refere-se a “funções social, cultural e discursivamente estereotipadas: o pescador, o ladrão, o terrorista, o presidente, o corrupto,

o juiz” (Cf. DEMURU E GARCIA, 2020, p. 99).

As teorias correspondentes à semiótica figurativa e plástica de Greimas (1984) e Jean-Marie Floch (1987) proporcionam uma lente teórico-metodológica que oferece suporte para a descrição detalhada da linguagem imagética. As imagens serão analisadas por meio de categorias como: cromática (preto vs branco, vermelho vs azul, verde vs amarelo) e topológica (alto vs baixo, superior vs inferior, esquerda vs direita. Ainda no âmbito dos estudos semióticos da Escola Francesa, utilizamos as proposições de Eric Landowski sobre os regimes de alteridade, apresentadas na obra *Presenças do outro* (2012). Em particular, Landowski criou as seguintes categorias analíticas: “admissão”, “assimilação”, “segregação” e “exclusão” para entender como os relacionamentos entre grupos sociais se estabelecem no cotidiano, a partir de sujeito dominadores (LANDOWSKI, 2012, p. 5-25) Em paralelo, construímos um diálogo entre a perspectiva semiótica e os estudos de gênero, focando precisamente, nas publicações de Adriana Piscitelli (2002, 2009), Joan Scott (1990), da semioticista Cristina Demaria (2019) além das contribuições dos pesquisadores Flávia Biroli (2010) e Fernanda Mota (2014) sobre a participação das mulheres no campo político. Os dados sinalizam a pertinência acadêmica deste estudo, especificamente no campo da comunicação e semiótica onde encontramos lacunas nesse sentido, dada emergência social que o assunto demanda.

### **Gênero e mulher na perspectiva de Piscitelli, Scott e Demaria**

Adriana Piscitelli (2002) que já desenvolveu diversas pesquisas sobre “gênero”, reforça que o próprio termo é visto desde a antiguidade como um indicador de “diferenças sexuais” (PISCITELLI, 2002, p. 8). Segundo a autora, o vocábulo estabelece e corrobora a dominação do homem sobre a mulher, identificando-a como parte de uma natureza “imutável” e “para além da classe e raça, as mulheres são oprimidas pelo fato de serem mulheres” (PISCITELLI, 2002, p. 8). No entanto, ao lembrar dos estudos das feministas das décadas de 1920 em diante, que lutavam por “direitos iguais”, Piscitelli (2002) chega à conclusão de que a subordinação da mulher “é decorrente das maneiras que a mulher é construída socialmente” (PISCITELLI, 2002, p. 9). Essa visão traz a perspectiva de que o que é construído, pode ser modificado, muito embora prevaleça a ideia de que por si só o corpo feminino, como traço biológico assim como construção social, são condições para a manutenção da opressão patriarcal (PISCITELLI, 2002, p. 9).

Joan Scott (1990) traça uma linha paralela para explicar sobre o uso mais recente do termo, que surgiu primeiramente entre o feminismo norte-americano. Segundo Scott (1990)

as ideias estabelecidas com base nos “genes” resultariam em tais divisões, e estariam sobretudo, sendo utilizadas por meio das variantes como “sexo” e “diferença sexual” (SCOTT, 1990, p. 72). Mas para Scott (1990) interessa mesmo pensar no modo que são construídos esses significados culturais. Ainda na opinião de Scott (1990) mulheres e homens precisam ser estudados de forma igual para uma melhor compreensão dos fenômenos dentro de um “alargamento das noções tradicionais do que é historicamente importante, para incluir tanto a experiência pessoal e subjetiva, quanto as atividades públicas e políticas” (SCOTT, 1990, p. 73).

Esse “alargamento” sugerido por Scott (1990) tem sido observado pelas estudiosas Flávia Biroli (2010), Fernanda Mota (2014) que buscam compreender esse fenômeno analisando a participação da mulher no campo político. Em suas publicações as autoras apresentam dados e análises a partir de recortes de noticiário nacional discorrendo sobre as desigualdades e baixa expressividade da mulher nesta área chegando à conclusão de que os cargos públicos são vistos e construídos como um “lugar de homem”. Para Biroli e Mota (2014, p. 200) a mídia reforça a naturalização desses padrões.

Convergindo com a proposta do estudo, acionamos a semioticista Cristina Demaria (2019) que entende o gênero pela perspectiva de uma construção discursiva que “se deve ao sistema de língua” (DEMARIA, 2019, p. 92). Semioticamente o conceito pode ser lido sob a ótica que complementa todas essas visões mencionadas quer seja pelos discursos ou pelas construções textuais, cujas manifestações estão prescritas nos jornais e revistas analisadas. Para Demaria (2019) também “a prática semiótica e práticas culturais coincidem [...] os signos são forças sociais” (DEMARIA, 2019, p. 232). E acrescenta “sempre uma moral pré-estabelecida sai vitoriosa, onde o que mais importa é o aparecimento e manutenção de convenções e valores” (DEMARIA, 2019, p. 96). A partir desse ponto (da linguagem) outros desdobramentos são concebidos.

## Análise

### A mulher “submissa” e “ajudante”

Neste primeiro tópico analisamos o recorte acerca de como as mulheres na política estão submetidas ao “patriarcado”, entendido, conforme Piscitelli (2009), como “sistema social no qual a diferença sexual serve como base da operação e da subordinação da mulher pelo homem” (PISCITELLI, 2009, p. 132). Tal padrão, fortalecido na sociedade por grupos do-

minantes, situam a mulher, segundo Piscitelli (2009, p. 131) em um “lugar inferior”, do qual é necessário grande esforço para se libertar. Esta inferiorização, de acordo com a pesquisadora, se concretiza no discurso verbal e visual de jornais e revistas, por meio de isotopias, que se inserem na ordem figurativa e de papéis temáticos em relação ao sujeito que serve como “ajudante”, “serviçal” (GREIMAS & COURTÉS, 2008, p. 496); pelo viés plástico na obra “Semiótica Figurativa e Plástica” de Greimas (1984) são apresentadas categorias como as topológicas (alto vs baixo, superior vs inferior, maior vs menor) ampliando a visão desse tipo de prática no cotidiano. Um exemplo disso é quando as candidatas aparecem embaixo nas páginas dos jornais ou revistas ou numa foto “menor” em comparação ao seu adversário, como veremos adiante.

Nessas categorias propostas por Greimas (1984) é possível estabelecer uma relação entre uma e outra candidata, e para começar, recorreremos às imagens (Fig. 1 e 2) publicadas pela Folha de S.Paulo, nos períodos eleitorais de 2010 e 2018.

Figura 01 - Dilma Rousseff atrás da bandeira

FOLHA DE S. PAULO DOMINGO, 3 DE OUTUBRO DE 2010 especial3 PRESIDENTE 40 ELEIÇÕES 2010

## Siglas tentam barrar Datafolha em Estados

Partidos e coligações de cinco Estados e do DF recorreram ao TSE; só uma pesquisa, no Paraná, foi proibida

**Crêrios usados nas pesquisas de Datafolha são transparentes e tecnicamente corretos, afirma advogado**

Ele tinha 40% dos votos, e o tucano, 45%. Até então, Dilma liderava com folga e usava as pesquisas do instituto em sua propaganda. Os tucanos reagiram a tática e questionaram a base de dados do instituto.

A pesquisa do Ibope no Paraná também chegou a ser proibida a pedido da coligação de Rêch, mas foi liberada pela Justiça. O advogado Luiz Francisco de Carvalho Filho, que defende o Datafolha, afirmou que o instituto está sempre sob o controle das pesquisas e recorrerá contra todas as tentativas de tentar impedir sua divulgação.

“O partido da oposição do Paraná, vemos uma tentativa de partidos políticos de inviabilizar a divulgação de pesquisas em diversos Estados. Esperamos que seja decidido logo”, afirmou ele.

“Os critérios usados nas pesquisas de Datafolha são transparentes e tecnicamente corretos. Por isso, as ações não nos preocupam”, disse.

Nas últimas duas semanas, o Tribunal Regional Eleitoral do Paraná impôs novas pesquisas. Serão dessas pesquisas foram feitas a pedido da coligação de Rêch, de outras foram solicitadas pelo PTB.

“A partir da experiência do Paraná, vemos tentativa de partidos de inviabilizar a divulgação de pesquisas em diversos Estados. Esperamos que aquela decisão isolada não se repita”

Luiz Francisco de Carvalho Filho advogado do Datafolha



O presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que, ontem, durante carreta, em São Bernardo do Campo, criticou a imprensa

### Lula volta a criticar o ‘autoritarismo da imprensa’

No mês passado, o presidente atacou a imprensa de se comportar como “partido de oposição” e de empregar tática contra ele em cobertura que “beirou o ódio”.

Lula recordou ter se esforçado mais para simplificar Dilma no Planalto do que na própria reeleição, em 2006.

“Viajei mais do que viajei na minha campanha em 2004 porque eu estava convencido que o grande legado que o gente deveria deixar para o Brasil era eleger gente para cuidar o governando”.

O presidente e a primeira-dama, Maria, acompanharam Dilma e Alckiso Mercadante, candidato do PT ao governo de São Paulo, em carreta por São Bernardo.

O paradeio, feito em cima de um carro aberto, durou cerca de 1h. Lula e Dilma abanaram uma bandeira do Brasil, e a candidata abraçou várias crianças. Mais tarde, outro veículo trouxe o senador Eduardo Suplicy (PT), Netinho (PC do B) e Murtinho (PT).

Fonte: FOLHA DE S.PAULO, 2010, p. E3.

Figura 2 - Manuela D'Ávila escondida



Fonte: FOLHA DE S.PAULO, 2018, p. A12.

Em ambas as fotos (1 e 2), Rousseff e D'Ávila não aparecem, mas percebe-se que estão na imagem, devido às características físicas de cada uma, ou por terem sido mencionadas no texto. Vemos essa “invisibilidade imagética” atrelada ao fato delas estarem escondidas, ou em segundo plano, manifestando visualmente o tema da submissão. Na primeira fotografia (Fig.1) da Folha de S.Paulo (2010, p. E3), percebe-se que atrás da bandeira do Brasil está Rousseff e o ex-presidente Lula, no centro da imagem. Ele olha para o lado oposto de onde ela se encontra reforçando uma diferença, amparada na oposição homem e mulher. Dilma Rousseff deveria ser o destaque já que ela era a candidata. O título principal da notícia também refere-se à eleição, trazendo a sentença “Siglas tentam “barrar” Datafolha em Estados”. No lead, diz que Lula participa de “carreata ao lado de Dilma Rousseff”. Assim fica clara sua presença na foto, mas quem está centralizado é Lula.

Continuado as análises, a segunda imagem (Fig. 2) publicada na reportagem de Dias (2018, p. A12) da Folha traz o título “Sabotagem contra o PT foi maior que erros de Dilma, diz Haddad”. Esta notícia refere-se tanto à Dilma Rousseff quanto à Manuela D'Ávila. No enunciado, o nome da ex-presidente é carregado de um semantismo disfórico ou negativo (cf. GREIMAS E COURTÉS, 2008, p. 149), pois encontra-se atrelado à palavra “erros” com o

complemento “diz Haddad” e a insinuação de prejuízo que o partido teve em relação ao impeachment. Na mesma fotografia observa-se que D´Ávila está atrás de alguém que o texto não diz quem é, mas acredita-se ser uma simpatizante do Partido dos Trabalhadores, que acompanha a caminhada dos candidatos, no Rio de Janeiro. Neste sincretismo entre verbal e imagético, está associada a ideia de que Rousseff “errou” e D´Ávila está apagada. Landowski (1992) trata das especificações modais integrante do regime de visibilidade, se encaixando este caso na categoria das confrontações modais do “não poder ser vista”. Para o semioticista, esta situação ligada ao exercício do “poder olhar” ou “não poder olhar”, do “poder ser visto” ou “não poder ser visto”, indicam “verdadeiros conflitos entre sujeitos” e integram um ponto de vista contrário (LANDOWSKI, 1992, p. 95-97). Logo, tal manifestação por parte da Folha fortalece a narrativa da “submissão”, da pouca importância da mulher no campo político e midiático. Impossibilita tanto Rousseff quanto D´Ávila de serem vistas. O próprio termo “barrar” que está em “bold” no título da primeira imagem, no conjunto, reforça o pensamento de que Dilma Rousseff foi impedida de “ser vista”. Em ambas as fotos, as candidatas são ignoradas e esse “papel social”, em uma sociedade em que o masculino predomina, é fortalecido, centralizando na primeira Lula e respectivamente na segunda, Haddad.

Podemos dizer ainda que neste contexto, além de “submissa”, Rousseff atuava como “ajudante” de Lula e do Partido dos Trabalhadores, primeiro em uma posição de destaque na Casa Civil, alcançando uma certa expressividade, mas obviamente, não superior a de Lula. Pelas descrições da revista, ela também não conseguiu firmar-se como protagonista nem quando devia ocupar esta posição durante a campanha e depois, nos primeiros anos de mandato como presidente, porque segundo os discursos midiáticos, Lula sempre estava à espreita, como mostra a Fig. 3, da Veja (2012).

Figura 3: “A fase 2 da metamorfose”



Fonte: PEREIRA, 2012, p. 50-51.

Um trecho do texto dizia: “Em 2011, o governo foi Lula-Dilma”, dando a ideia que o ex-presidente tinha influência sobre ela ou ditava as regras; “em 2012 será Dilma-Lula”, com a presidente tentando se desatrelar de Lula e, “a partir de 2013, Dilma-Dilma” (PEREIRA, 2012, p. 51).

D’Ávila também ocupou uma espécie de posição “auxiliar”, ou “ajudante”. A propósito, tanto na notícia da Folha de Yuri (2006, p. A20) ela é denominada “cabo eleitoral” de Lula no Rio Grande do Sul, como quando deixou a candidatura própria para assumir a chapa como vice de Haddad, deixando suas “bandeiras de lado”, conforme destacou Roxo (2018, p. 8) no Jornal O Globo. Em outro enunciado na parte inferior do mesmo jornal, destacava-se o seguinte “Manuela, a vice que mudou de assunto”, insistindo que ela “abandonou” suas principais pautas, sendo algumas relacionadas às mulheres (O GLOBO, 2018, p. 8). A atitude da candidata, segundo endossam as narrativas do jornal, tornou-se motivo de descrédito por movimentos feministas que a apoiaram na ocasião em que fazia campanha para presidente. Dentro dessa concepção, de ser ela “submissa”, D’Ávila participou no primeiro e segundo turno das eleições, e durante esse período, na maioria das vezes quando “era mostrada”, as imagens dela geralmente passavam essa mensagem, conforme o texto de Lima e Filgueiras (2018, p. 33) da Isto É. Abaixo de sua foto, estava escrito “fala que eu executo”. Converte com outra reportagem do Estadão escrita por Galhardo e Weterman (2018, p. A4) com o título “Haddad é escolhido vice de Lula e PT deflagra ‘plano B’” (Fig.4).

Figura 4 - Manuela D'Ávila “Plano B”



Fonte: GALHARDO; WETERMAN, 2018, p. A4.

O enunciado em destaque no topo traz a menção “plano B”, referindo-se à D'Ávila, no caso de Lula ter sua candidatura indeferida, que de fato aconteceu quando ele foi detido em abril de 2018 após investigações da Operação Lava Jato. A fotografia mostra Fernando Haddad em uma posição superior à de Manuela D'Ávila, que encontra-se em tamanho menor embaixo, reforçando o que foi dito sobre as topologias (superior vs inferior, alto vs baixo).

Para melhor compreender as estratégias discursivas utilizadas para construir esta imagem estereotipada da mulher na política, é útil mobilizar elementos da semiótica plástica conforme elaborados na obra de Jean-Marie Floch (1987). Referente a esta publicação do Jornal O Estado de S. Paulo (GALHARDO; WETERMAN, 2018, p. A4), podemos fazer uma relação aos conceitos trabalhados por Floch (1987, p. 31-32) e a participação de D'Ávila nas eleições. Associando tais posições gráficas (alto, baixo, superior, inferior) à cromática das duas imagens (Fig. 4), na primeira vemos Haddad ocupando um espaço maior acima do que D'Ávila, com fundo predominantemente vermelho (cor do partido); na segunda, Manuela D'Ávila aparece menor, vestindo preto, envolta de um branco, amarelo e azul, que trazem algumas reflexões: (i) nessa fusão, Fernando Haddad se manteve como candidato principal; (ii) ele está acompanhado de outros correligionários do PT e D'Ávila sozinha; (iii) Ela “renunciou” como aponto O Estado de S. Paulo (2018) ficando como “plano B” na eleição,

representando a “fraqueza”, que é atribuída às mulheres como característica negativa; (iv) o texto deixa claro que o PCdoB e Lula, por meio de uma carta enviada da prisão, decidiram o destino de D´Ávila, ou seja, que ela não seria mais candidata “cabeça de chapa” e “teria a possibilidade de compor” a legenda do PT como vice de Fernando Haddad; (v) ao fundo na imagem de Manuela D´Ávila aparecem as cores amarelo, verde e branco, que podem representar o sonho dela ser presidente, deixado para trás, e o preto que ela usa, uma espécie de perda desta possibilidade (GALHARDO; WETERMAN, 2018, p. A4; GREIMAS, 1984). Sob o prisma semiótico baseado no programa narrativo, tratando-se do objeto de valor para D´Ávila, que era chegar à presidência, este não se concretizou. Não só por ela não ter vencido a eleição com Haddad, mas porque de certa forma, o desejo inicial se tornou, de acordo com os discursos, uma “segunda opção”. Sobre o termo ou papel de “ajudante ou auxiliar”, Biroli (2010, p. 281) destacou que quando as mulheres conseguem ocupar funções políticas com maior evidência, geralmente são inseridas e estão engajadas em “temas sociais” e não “do que de hard politics (administração pública, política econômica)”; podemos associar esses “temas sociais” com o termo “ajuda”, que combina ainda com ajudante ou assistente, sendo essas posições de quem sempre será mandado.

Em todas estas análises, é possível mostrar como as formas de desqualificação da mulher no campo político e midiático são recorrentes. Como D´Ávila, por pouco a primeira mulher candidata à presidência da República em 1989, Livia Maria de Abreu, do Partido Nacional, não se tornou “ajudante” e passou de candidata principal a vice. Como isso se deu? Duas semanas antes da votação, que naquele ano ocorreu no mês de dezembro, entrou literalmente em cena o empresário e apresentador Silvio Santos insistindo em ser candidato à presidência, mesmo não tendo registrado a candidatura no tempo devido. “SS”, como abreviado pela Folha (1989), iniciou uma busca desenfreada na tentativa de postular-se ao cargo e procurou Abreu para que ela cedesse o lugar de cabeça da chapa para ele, “bagunçando” o processo eleitoral, conforme destacou a Folha (1989a, p. B-8) ou então, como ressaltou a Revista Veja em uma reportagem da Seção “Brasil” intitulada “Uma confusão chamada Silvio Santos” (VEJA, 1989, p. 34-35).

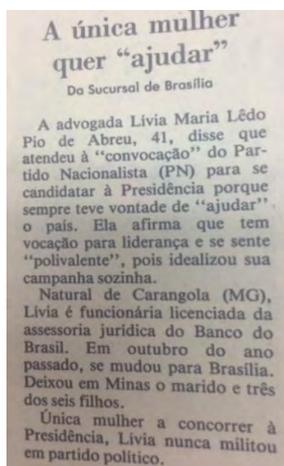
Nesse mesmo contexto, o Jornal O Globo (1989) divulgou uma nota da conversa que teve com o pai de Livia de Abreu (Othon) sobre as especulações deste caso e, após o destinador introduzir o parágrafo que a candidata fazia parte do grupo de concorrentes “sem chances”, o patriarca teria dito: “ela se candidatou para defender a causa das mulheres e jamais renunciaria, mas talvez o PN possa negociar a vice-presidência” (O GLOBO, 1989,

p. 5). A candidata não foi ouvida estando submissa ao pai e ao partido que deliberavam os próximos passos dela na corrida eleitoral, caso Silvio Santos fosse aprovado de última hora como candidato à presidência. Em suma, parecia vã a opinião de Abreu, e a interpretação disso, com base no esquema narrativo canônico como apontou Fiorin (2016), é que ela nem conseguiu ser o sujeito realizador da transformação na narrativa ficando nula de um saber e/ou poder fazer (FIORIN, 2016, p. 30).

Outra matéria que deixou clara tal submissão foi publicada no jornal O Estado de S.Paulo com o título “Livia admite se aliar a Silvio Santos na disputa”. O texto de Franco e Silva (1989, p. 6) destaca essa disputa com a palavra “dualidade” e que ela achava que não teria “condições de fazer nada”, sem alguém com “verba” maior; além disso, no texto cogitava-se que Abreu poderia ceder a legenda. A título de informação, já que o “candidato” estava conquistando o público, todos os partidos principais que se sentiam prejudicados pela “confusão chamada Silvio Santos” (VEJA, 1989, p. 34-35), entraram com pedido no TSE para que “SS” não tivesse legitimada a candidatura. Só por isso, mesmo não se elegendo, Abreu conseguiu chegar até o fim do processo como candidata a presidente. Em casos como esses, Biroli e Mota (2014) reforçam sobre a representação das mulheres na política que “ausentes das esferas de decisão, enquanto grupo, estão em uma situação desprivilegiada para fazer ver suas experiências e transformar seus interesses em questões políticas legítimas e prioritárias” (BIROLI E MOTA, 2014, p. 200). Segundo as pesquisadoras “a mídia é um dos atores na conformação, na naturalização e na reprodução de tal cenário” (BIROLI; MOTA, 2014, p. 200). Landowski (2012) manifestou a mesma ideia: de que a mídia é forte responsável por acionar estereótipos gerando mais desafios que não colaboram em nada para a superação deste problema (LANDOWSKI, 2012). A análise semiótica que se desenvolve aqui mostra “como” isso se dá, materialmente, no plano do discurso, contribuindo, assim, para os estudos de gênero e da comunicação.

Nesse panorama em que a mulher encontra-se desqualificada, a Folha (1989b, p. B-2) se reportava à Abreu da seguinte maneira: “Microcandidatos dizem que vão surpreender”. No centro da página, o subtítulo dizia: “A única mulher quer ‘ajudar’” (Fig. 5).

Figura 5 - A única mulher quer “ajudar”



Fonte: FOLHA DE S.PAULO, 1989b, p. B-2.

No contexto, a palavra entre aspas “ajudar” está carregada de sentido disfórico (GREIMAS E COURTÉS, 2008, p. 49). Trata-se do modo que a mulher é vista na sociedade, ou seja, nos termos da semiótica narrativa de Greimas e Courtés (2008), como uma “ajudante”, e não como “sujeito” competente e capaz de realizar o papel que é chamado a performar (GREIMAS E COURTÉS, 2008, p. 495-496). O verbo “ajudar”, traz, neste sentido a conotação de que a mulher não tem condições de assumir um cargo tão importante (FOLHA DE S.PAULO, 1989b, p. B-2).

Retomando as descrições referentes à semelhança desta candidata com D´Ávila quando aparece em tamanho menor na foto (Fig.4), nas poucas vezes que Abreu contou com espaço no jornal, sua imagem era retratada pela Folha (1989c, p. B1) como miniatura (Fig. 6 e 7):

Figura 6 e 7 - Livia Maria na primeira página do Caderno Diretas-89

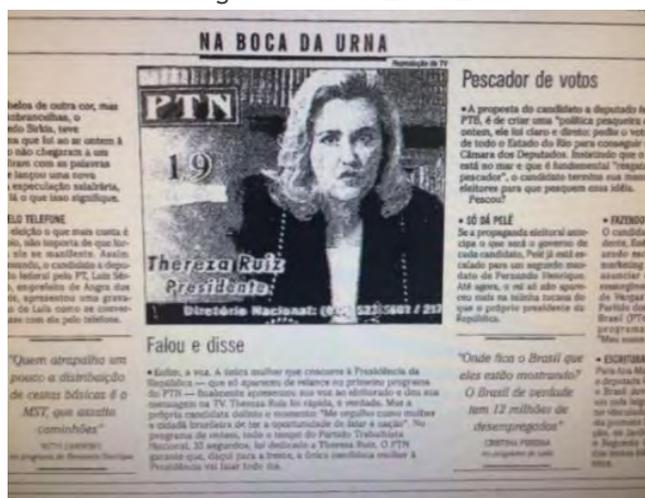


Fonte: FOLHA DE S.PAULO, 1989c, p. B-1.

Está bem menor se compararmos aos dois concorrentes com maior intenção de votos na eleição de 1989 - Fernando Collor de Melo e Luiz Inácio Lula da Silva. Na junção da imagem da candidata com o texto, termos como “pequenos”, fortalecem a ideia da inferioridade da mulher. D’Ávila, como descrevemos acima também foi mostrada dessa forma fortalecendo nestas isotopias os padrões cristalizados na sociedade.

Nessa esteira, observamos alguns registros que também apontavam Thereza Ruiz como submissa, entre eles, a nota na parte inferior da Seção denominada “O País”, do Jornal O Globo (1998, p. 3). Na coluna “Na Boca da Urna” (Fig. 8) o texto com o título “Falou e disse” mostra a candidata de “boca fechada”, aparentando querer dizer algo.

Figura 8 - Thereza Ruiz



Fonte: O GLOBO, 1998, p. 3.

No lado superior esquerdo da tela, aparece a sigla do partido em caixa alta e o número dela (19); abaixo, em tamanho menor, o nome de Thereza Ruiz misturado em letras maiúsculas e minúsculas. O texto diz: “Enfim, a voz”, porque até então ela não tinha falado, talvez significando ainda que Ruiz não é ouvida. Combina com o enunciado “A única mulher que concorre à Presidência da República - que só apareceu de relance no programa do PTN - finalmente apresentou sua voz ao eleitorado” (O GLOBO, 1998, p. 3). O estudo de Lima (2017) salientou “o fato de, logo no dia de apresentação, em que se apresenta a protagonista da disputa, um homem falar por ela e Thereza Ruiz ser silenciada demonstra a característica da candidata submissa” (LIMA, 2017, p. 75-76).

A reflexão de Lima (2017) reforça nossas hipóteses quanto à submissão por parte de Thereza Ruiz, combinada às demais candidatas aqui já mencionadas. No fim da nota, tal conceito transmitido pelos dados destinatários, fossem eles os porta-vozes<sup>3</sup>, o jornal ou o partido,

fortalecem tal ideia: “O PTN garante que, daqui para frente, a única candidata mulher à Presidência, vai falar todo dia”. Em outras palavras, o partido define se e quando ela poderia se pronunciar (O GLOBO, 1998, p. 3).

### O discurso da “dependência”

Passamos das análises sobre o tema “submissão” àquelas da “dependência” das candidatas (mulheres). Em Rousseff, como um caso emblemático, encontramos um fio condutor entre outras concorrentes ao cargo porque permite mostrar as construções acerca da “dependência”. Em muitos momentos, mesmo demonstrando capacidade técnica - conforme reforçado tanto pelos jornais e revistas quanto pelo governo - tendo recebido inclusive o título “dama de ferro” - que conota firmeza, resistência, além da comparação à ministra britânica Margaret Thatcher -, a ex-presidente aparece atrelada à figura do ex-presidente Lula.

A narrativa midiática da dependência dela a Lula afirmava que o presidente endossou a candidatura de Rousseff como sua possível sucessora. Isso é perceptível, por exemplo, em matérias como da Folha de S.Paulo (2010) publicadas no primeiro ano da eleição da presidente. A notícia de Domingos (2010, p. A-10) mencionava “Lula fará na TV papel de apresentador de Dilma”, e de novo reitera-se dentro dos papéis actanciais, que ele era o sujeito e ela, a adjuvante, conforme chamaram Greimas e Courtés (2008) de “estatuto de auxiliar” (GREIMAS E COURTÉS, 2008, p. 69). O texto dizia ainda, “criador e padrinho da candidata petista Dilma Rousseff ao Planalto, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva deverá ser o personagem principal do primeiro programa de TV da ex-ministra” (DOMINGOS, 2010, p. A-10).

O discurso da “dependência” da candidata ao ex-presidente Lula seguiu na eleição de 2014. O Jornal O Estado de S.Paulo publicou no texto de Goletta e Domingos (2014) “Lula destaca ‘harmonia entre criador e criatura’” (GOLETA E DOMINGOS, 2014, p. A-5). Na reportagem, ao mencionar que foi o “criador” de Rousseff, o ex-presidente pediu novo voto de confiança para a candidata e para ele, esta era uma “demonstração de que é plenamente possível criador e criatura viverem juntos em harmonia” (GOLETA E DOMINGOS, 2014, p. A-5). Seguindo regras culturais e de linguagem, “o criador” representa um sujeito masculino e a “criatura”, um sujeito feminino. Indo ao encontro dessa narrativa, do “criador e da criatura”, Rosa e Galhardo (2014, p. A-8) do Estadão publicaram a notícia “A Hora da Criatura” (Fig. 9).

<sup>3</sup> Cf. Landowski (1992, p. 29), referindo-se aos jornalistas ou políticos, que seriam como ele denomina: porta-vozes, ou simplesmente, destinadores.

Figura 09 - Dilma, a “criatura”



Fonte: ROSA; GALHARDO, 2014, p. A-8.

A “dependência” associada ao patriarcado, segundo Piscitelli (2009, p. 132) “se tornou sinônimo de dominação masculina, um sistema opressivo tratado, às vezes, como se tivesse uma natureza imutável” (PISCITELLI, 2009, p. 132).

Concentramos a análise agora em outra candidata mostrada como “dependente”: Marina Silva. O texto de Viapiana (2018) na Seção “Brasil/Eleições”, da Revista Isto É, reforçou o discurso de que em cada campanha ela se beneficia de votos de outros candidatos ou personalidades (VIAPIANA, 2018, p. 34). Nesse sentido, constrói-se o discurso da necessidade, por parte da mulher, de um “outro” que lhe permite “chegar longe”, sendo esse “outro”, majoritariamente, um sujeito masculino. O título “Quando ela deixará de ser a eterna herdeira?” sugere, ainda, a de-competencialização de Marina Silva. Como observamos anteriormente, nesse quesito, Silva se assemelha à Rousseff e D’Ávila, as quais, geralmente, não ocupavam nas narrativas um lugar de sujeito, mas sim de adjuvantes. Mais do que isso: com Silva tal estereotipo parece ter se firmado de modo ainda mais intenso, já que nem a denominação de “auxiliar” lhe coube. Implicitamente o texto de Viapiana (2018) menciona que ela “pegou carona” para se tornar conhecida: (i) após o assassinato de Chico Mendes com quem desenvolveu projetos ambientalistas; (ii) em 2014, depois da morte de Eduardo Campos; (iii) e 2018, no episódio da prisão de Lula (VIAPIANA, 2018, p. 34)

Com este enunciado, a revista criou a imagem de uma mulher que apenas chega em determinadas posições por ter à frente homens que abriram caminho. Mesmo assim, segundo o veículo, Marina Silva fracassa. Esta narrativa é sustentada nos discursos políticos e midiáticos, e conforme enfatiza Landowski (2012) integra a visão do grupo social detentor de “posição econômica, cultural ou política dominante” (LANDOWSKI, 2012, p. 33) que inclui os periódicos aqui estudados.

Em 2014, Silva também se candidatou, mas como vice de Eduardo Campos pela chapa do PSB. O cenário se modificou devido ao acidente de avião que vitimou Campos durante a primeira fase da campanha e desse modo, ela assumiu a candidatura a presidente. Tal imprevisto gerou uma ruptura, que conforme exemplificou Greimas (2017, p. 32) traz uma “quebra” ou interrupção entre um e outro evento. Segundo a Revista Veja, que publicou a matéria de Zalis e Coura (2014) com o título “A sucessora” (2014, p. 65), o fato “mudou tudo”, ou ainda conforme o texto de Araújo (2014, p. A-8) do Estadão “mudou a conjuntura política”. O texto de Coura, Cedlin e Barros (2014, p. 59) da Revista Veja chegou a dizer que tinha pouco tempo para o Brasil “saber se ela é apenas uma miragem ou uma opção política de verdade”, e questionou “Quão sustentável ela é?”. A candidata despontou na corrida eleitoral à frente de Rousseff e Aécio por algum tempo, em decorrência de toda comoção causada pela tragédia, intitulada como “fulminante ascensão na disputa” (VEJA, 2014). Em seguida, surgiram obstáculos e ela perdeu apoio de partidários do PSB, que não concordaram com a escolha dela em substituir Eduardo Campos. Nessas circunstâncias, Silva assumiu a chapa com apoio da esposa de Campos, Renata, diante de um partido dividido. Esta divisão nos faz lembrar das categorias da “admissão, assimilação, segregação e exclusão”, como tratada por Landowski (2012). Neste arcabouço, Landowski trabalha as oposições fundadas no grupo dominador, no caso o masculino contrário ao feminino, e que parece, só firma sua identidade através da recusa do outro, assegurando como diz o autor que “o outro é o “outro” estabelecendo uma “relação de exclusão mútua”, que converge com uma espécie de perda de identidade (LANDOWSKI, 2012, p. 5, 15-16). Nesse sentido, Landowski (2012) explica que nem um e nem outro grupo pode ser visto de maneira “inocente e cada um é marcado pelo emprego que deles foram feitos nos discursos sociais, políticos, filosóficos [...] fixando valor” (LANDOWSKI, 2012, p. 15). Nas relações entre sujeitos, o grupo que “admite”, aprova, mas essa ação vem acompanhada de restrições, uma espécie de distanciamento para que cada um “permaneça na sua”; já a segregação motivada por alguma forma de preconceito, mantém o “outro” num lugar separado, delimitado. Do tipo: eu aqui e você lá. O grupo assimilador é aquele que não rejeita ninguém até perceber uma diferença, passando

depois, a não assimilação (LANDOWSKI, 2012, p. 6). Se o “outro” agrada, é incorporado, se não, é excluído. A exclusão, por sua vez, é outra forma explícita de desaprovar o outro. Neste regime, conforme destaca Landowski (2012, p. 5) este clã não se dá nem ao trabalho de explicar porque exclui, simplesmente o faz. Marina Silva, de acordo com as análises, se encaixa em todas essas configurações. Inicialmente foi admitida, assimilada no partido, mas como vice; em seguida, segregada e por fim, excluída diante de sujeitos que não a aceitavam como candidata principal. Porque? Possivelmente por se tratar de uma mulher por não ter o que Landowski (2012) chama de “uma espécie de auto-imagem idealizada” pelo PSB e devido sua “alteridade” não era “reconhecida como sendo um dos seus” (LANDOWSKI, 2012, p. 33). Mesmo diante da rejeição, ela prosseguiu ficando em terceiro lugar, deixando a eleição no primeiro turno.

Outra situação que mostra Marina Silva como “dependente” foi no processo eleitoral de 2018. Com todos os desdobramentos relacionados à prisão de Lula, ela foi chamada no texto de Holanda (2018, p. A-13) do Estadão como “A candidata que busca uma fresta para passar”, reforçando a narrativa de que ela se beneficiou do fato e por um período se “manteve na liderança da disputa pelo planalto”. No auge da campanha, “Marina conseguiu emplacar uma das suas principais bandeiras em 2018: a defesa das mulheres” (HOLANDA, 2018, p. A-13). Resistindo às pressões, tal estereótipo ficou nítido nos últimos três processos eleitorais para presidente.

### Considerações finais

Consideramos que o estudo, desenvolvido sob a perspectiva da semiótica discursiva, dá conta de uma análise consistente dos textos e imagens de jornais e revistas impressas acerca de determinados papéis que são conferidos à mulher como o de “submissa” e “dependente”. Tanto a pergunta quanto as hipóteses levantadas em relação ao objeto de pesquisa, são validadas ao passo que os discursos e seus efeitos de sentido produzem uma imagem disfórica (negativa) da mulher (GREIMAS E COURTÉS, 2008, p. 149), reforçando a desigualdade de gênero.

Como bem descreveu Landowski (2012, p. 125), as “imagens traduzem uma visão determinada dos papéis sociais convencionalmente atribuídos ao “segundo sexo” (LANDOWSKI, 2012, p. 13) criando uma tendência de inferiorização da mulher. Nesse aspecto vale dizer que, embora cada candidata tenha suas particularidades, tendo trajetórias diferentes tanto na vida pública quanto privada, elas padecem dos mesmos preconceitos servindo tal análise

como uma forma de representação dos desafios enfrentados pelas mulheres na sociedade.

Entre as limitações, estão a falta de disponibilidade de revistas e jornais antigos digitalizados. Na ocasião deste levantamento, apenas o Jornal O Globo estava disponível nesse formato, o que dificulta em partes a pesquisa desse tipo de corpus. Desse modo, é necessário frequentar presencialmente a Hemeroteca Mário de Andrade, que disponibiliza o acervo para a consulta aos periódicos e coleta do material. No entanto, sem a digitalização dos demais jornais e de revistas, essa acessibilidade fica mais limitada a pesquisadores de São Paulo e talvez por isso, existem poucos trabalhos produzidos no Brasil valendo-se desse tipo de periódico. Observa-se a necessidade de outras produções que contemplem o ponto de vista da semiótica discursiva no sentido de desvendar e desconstruir tais padrões que colocam a mulher numa posição inferior.

## Referências

- ARAÚJO, Carla. Lula afirmou que a tragédia 'mudou a conjuntura política'. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, p. A-8, 15 ago. 2014.
- BIROLI, Flávia. Gênero e política no noticiário das revistas semanais brasileiras: ausências e estereótipos. **Cad. Pagu [online]**. 2010, n. 34, pp. 269-299.
- BIROLI, Flávia; MOTA, Fernanda F. O gênero na política: a construção do “feminino” nas eleições presidenciais de 2010. **Cadernos Pagu**, julho-dezembro de 2014, p. 197-231.
- COURA, Kalleo; CEDLIN, Adriano; BARROS, Mariana. Quão sustentável ela é? **Veja**, São Paulo, ed. n° 2388, p. 59, 27 ago. 2014.
- CRIATURA. In: **DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA**. 2009. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/criatura>. Acesso em: 8 jan. 2020.
- DIAS, Marina. Sabotagem contra PT foi maior que erros de Dilma, diz Haddad. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. A12, 15 set. 2018.
- DOMINGOS, João. Lula fará na TV papel de apresentador de Dilma”. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. A-10, 26 jul. 2010.
- DEMARIA, Cristina. **Teorie di Genere: Femminismo, critica postcoloniale e semiótica**, 2019 RCS Libri S.p.A, Milano.
- DEMURU, Paolo. Imagens autênticas: corpo, contágio e fotografia política nos tempos do Instagram. **Estudos fotográficos**, Londrina v.16 n° 28, p. 203-237, jan./jun.,2020. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/38462/pdf>. Acesso em: 22 jun. 2022.
- DEMURU, Paolo; GARCIA, Janete Monteiro. De “dama de ferro” a “bruxa desequilibrada”: uma análise semiótico-discursiva da figura de Dilma Rousseff na mídia impressa brasileira (2005-2016). **Revista Interamericana de Comunicação Midiática Animus**, Santa Maria, v. 19, n. 39, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5902/2175497738941>. Disponível em: <https://pe->

riodicos.ufsm.br/animus/article/view/38941/pdf. Acesso em: 22 jun. 2022.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 15<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FLOCH, Jean-Marie. **Semiótica plástica e linguagem publicitária**. Trad. port. José Luiz Fiorin. Revista Significação, p. 29-50, 1987.

FOLHA DE S.PAULO. **Silvio Santos se diz machista e autoritário**. São Paulo, Diretas-89, p. B-8, 1 nov. 1989a.

FOLHA DE S.PAULO. **Microcandidatos dizem que vão surpreender**. São Paulo, Diretas-89, p. B-2, 11 set. 1989b.

FOLHA DE S.PAULO. **Pequenos tentam obter votos com idéias curiosas**. São Paulo, Diretas-89, p. B-1, 11 set. 1989c.

FOLHA DE S.PAULO. **Siglas tentam barrar Datafolha em estados**. São Paulo, Eleições 2010, p. Especial-13, 3 out. 2010.

FRANCO, Fernanda; SILVA, Adriana Vera. **Lívia admite se aliar a Silvio Santos na disputa**. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, p. 6, 28 out. 1989.

GALHARDO, Ricardo; WETERMAN, Daniel. **Haddad é escolhido vice de Lula e PT deflagra 'plano B'**. **O Estado de S.Paulo**, São Paulo, p. A4, 2018.

GOLETTA, Ricardo Della; DOMINGOS, João. **Lula destaca 'harmonia entre criador e criatura'**. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, p. p. A-5, 22 jun. 2014.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÈS, Jaclques. **Dicionário de Semiótica**. 1<sup>a</sup> ed. São Paulo: Contexto, 2008.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semiótica figurativa e plástica**. **Significação: Revista Brasileira de Semiótica**, nº 4 - jun. 1984.

\_\_\_\_\_, Algirdas Julien. **Da Imperfeição** - Hacker Editores, São Paulo/SP 2017.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÈS, Jaclques. **Dicionário de Semiótica**. 1<sup>a</sup> ed. São Paulo: Contexto, 2008.

HOLANDA, Marianna. **A candidata que busca uma fresta para passar**. **O Estado de S.Paulo**, São Paulo, p. A-13, 7 out. 2018.

LANDOWSKI, Eric. **A sociedade refletida: ensaios de sociosemiótica**. São Paulo: Educ/Pontes, 1992.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

LIMA, Alice Marina Lira. **Guerreiras, Maternais e Profissionais - Candidatas à Presidência do Brasil no HGPE Televisivo**. 2017. 122f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

NOSSA, Leonêncio; LACERDA, Angela. Lula assume papel de fiscal de 'sua presidenta'. **O Estado de S.Paulo**, São Paulo, p. A-8, 18 ago. 2010.

O GLOBO. **Gontijo confirma conversas**. Rio de Janeiro, País, 28 out. 1989.

O GLOBO. Falou e disse. Rio de Janeiro, **Na Boca da Urna**, 21 ago. 1998.

PEREIRA, Daniel. A fase 2 da Metamorfose. **Veja**, São Paulo, 11 jan. 2012.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: BUARQUE DE ALMEIDA, Heloisa.; SZWAKO, J. (org.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009. pp. 116-148.

PISCITELLI, A. “Recriando a (categoria) mulher?”. In: ALGRANTI, L. (org.). “A prática feminista e o conceito de gênero”. **Textos Didáticos**, nº 48. Campinas, IFCH Unicamp, 2002, p. 7-42.

ROSA, Vera; GALHARDO, Ricardo. A Hora da Criatura. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 6 jul. 2014.

ROXO, Sérgio. Manuela, a vice que mudou de assunto. **O Globo**, São Paulo, 14 out. 2018.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Porto Alegre: Educação & Realidade, v.15, n.2, jul./dez.1990.

TAVARES, Bruno. Dilma encarna 'herdeira' de Lula. **O Estado de S.Paulo**, São Paulo, 18 ago. 2010.

VEJA. Uma confusão chamada Silvio Santos. São Paulo, Brasil, 8 nov. 1989.

VIAPIANA, Tábata. Quando ela deixará de ser a eterna herdeira? **Isto É**, São Paulo, 14 fev. 2018.

ZALIS, Pieter; COURA, Kalleo. A sucessora. **Veja**, São Paulo, 20 ago. 2014.